

09 OUT 1996

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Prorrogação não soma, subtrai

A defesa da prorrogação do mandato de Fernando Henrique Cardoso não é, nessa altura, uma tese de quem joga a favor do presidente. Ele mesmo já disse algumas vezes que não consideraria de todo ruim ter um mandato de cinco anos caso não pudesse obter os quatro anos a mais que pretende. Só que isso não é coisa para se colocar na mesa agora. É jogada para uma segunda etapa, se a reeleição for derrotada.

Fernando Henrique quer mais tempo, é fato. E até por isso a proposta da prorrogação agora — seja ela para cinco ou seis anos — reduz suas pretensões que miram nos oito e, nesse momento, apenas neles. O jogo da prorrogação tem uma única função, mais conhecida pelo nome popular de chantagem. Visa a criar dificuldades para vender facilidades. Aparentemente, defende-se o presidente. Mas, na realidade, pratica-se uma armação ladina que, além de subtrair dois anos dos planos de FH, ainda cria para ele uma imagem ruim.

Afinal, não quererá entrar Fernando Henrique nessa altura da vida na galeria onde João Figueiredo tem seu retrato em lugar de honra. Antes que o leitor estranhe a ausência de José Sarney na turma da prorrogação, é preciso lembrar que Sarney foi diplomado para um mandato de seis anos, os quatro foram prometidos por Tancredo Neves, que morreu sem poder provar que cumpriria de fato o apalavrado.

O ministro Pedro Malan, que em Nova Iorque falou a respeito do assunto, evidentemente não integra o grupo da chantagem. Até porque o que Malan disse foi apenas uma consideração a respeito do fato de quatro anos ser um mandato curto, principalmente sem o instituto da reeleição.

Podemos eliminar disso também o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Marco Aurélio Mello, que ontem visitou José Sarney e saiu falando em prorrogação para seis anos. Momentos depois, no entanto, o ministro explicou detalhadamente ao telefone sua posição. Falou por falar, para lançar uma idéia ao debate. Por mais que se possa discutir a utilidade da intenção, é um direito que lhe assiste.

O ministro confirmou o que disse no Congresso, mas assegurou que pessoalmente prefere mil vezes a reeleição do que qualquer prorrogação. "Na reeleição o governante tem de passar pelo crivo popular e isso faz toda a diferença."

Sabe perfeitamente que Fernando Henrique não quererá trocar oito por seis, assim como reconhece que a tese do plebiscito para a reeleição que andou defendendo não tem a menor chance de passar. "Não sou ingênuo." O Congresso, afinal, não entregará assim de pronto seu grande trunfo ao povo.

Mas, se Malan e Marco Aurélio estão fora do jogo da chantagem e foram eles que falaram do assunto mais recentemente, então quem está na articulação?

Gente ainda sem nome nem rosto que já se prepara para embarcar de carona nessa canoa que vem passando ao largo. Só que os radares do Planalto já detectaram o rumo da embarcação e observam com atenção quem se apresentará como candidato a passageiro.